



artigo

filosofâncias:

antecipando o mundo pelas práticas da gentileza, da
serenidade e da (des)obediência a si

autores

carlos roberto da silveira

universidade são francisco (USF), itatiba,
brasil

e-mail: carlos.silveira@usf.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1003-0014>

magda costa carvalho

universidade dos açores (UAc), açores,
portugal

e-mail: magda.ep.teixeira@uac.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8539-5061>

anca-nicoleta rotilla

universidade jaume I (UJI), castellon,
espanha

e-mail: rotilla@uji.es

<https://orcid.org/0000-0002-6182-5749>

doi: 10.12957/childphilo.2025.92441



resumo

Este artigo reflexivo, teórico e filosófico nasceu de um estágio de pós-doutoramento – na Linha de Pesquisa *Filosofia para/com Crianças* – realizado na Universidade dos Açores, São Miguel, em Portugal. Tem como ponto de partida da reflexão um encontro realizado na Escola Básica Integrada Armando Côrtes-Rodrigues, em Vila Franca do Campo, São Miguel, no dia 2 de novembro de 2023. Tratou-se de um encontro filosófico integrado no projeto educativo denominado *filosofâncias: comunidades de investigação filosófica* (Santos et al. 2022), cujas investigações docentes e práticas infantis ocorrem nessa escola. Daquele encontro, participaram alguns estudantes do Ensino Básico; docentes integrantes da Escola; e docentes investigadores da Universidade dos Açores (Portugal), da Universidade São Francisco (Itatiba, SP, Brasil) e da Universidade Jaume I (Castellón, Espanha). A atividade proposta constituiu-se da apresentação de uma curta-metragem de animação intitulada *O dia mundial da gentileza*, produzido em 2018 por Leo Burnett Dubai para a Hanzo Film. Depois do visionamento da curta-metragem, ocorreram

questionamentos e diálogos filosóficos no âmbito da abordagem da comunidade de investigação filosófica, em torno de diversos temas. A atividade filosófica com as crianças e os adultos ressoou nos investigadores presentes muito para além do tempo cronológico da sessão, abrindo espaços-entre de problematização e de escrita em torno da *gentileza, da serenidade e da obediência a si* como práticas para o que designaram de *antecipar o mundo*. É ao redor dessas práticas que o presente texto gravita.

palavras-chave: educação; filosofia da educação; filosofia para/com crianças; profeta gentileza; serenidade.

filosofâncias:

anticipating the world through the practices of kindness, serenity and self-(des)obedience

abstract

This reflective, theoretical and philosophical article is part of a post-doctoral internship, in the *Philosophy for/with Children* Research Line, carried out at the University of the Azores, São Miguel, in Portugal. The starting point for the reflection is a meeting held at the Escola Básica Integrada Armando Côrtes-Rodrigues, in Vila Franca do Campo, São Miguel, on November 2, 2023. It was a philosophical meeting integrated into the Project called *Filosofâncias: communities of philosophical research* (Santos et al., 2022), whose teaching research and children's practices are developed in this school. This meeting was attended by some Basic Education students, teachers from the Faculty and research teachers from the University of the Azores (UAz. Portugal), São Francisco University (USF-Itatiba/SP-Brazil) and Jaume I University (Castellón, Spain). The proposed activity consisted of the presentation of an animated short film titled "Give in to Giving", produced in 2018 by Leo Burnett Dubai for Hanzo Film. After viewing the short, philosophical questions and dialogues were developed within the framework of the "philosophical research community" approach, around various topics. The philosophical activity with

children and adults resonated with the researchers present far beyond the chronological time of the session, opening spaces between problematization and writing around gentleness, *serenity and self-obedience* as practices of *anticipation of the world*. It is on them that this text focuses.

keywords: education; philosophy of education; philosophy for/with children; profeta gentileza; serenity.

filosofâncias:

anticiparse al mundo a través de las prácticas de gentileza, serenidad y auto-(des)obediencia

resumen

Este artículo reflexivo, teórico y filosófico forma parte de una pasantía postdoctoral, en la Línea de Investigación *Filosofía para/con Niños y Niñas*, realizada en la Universidad de las Azores, São Miguel, en Portugal. El punto de partida para la reflexión es un encuentro realizado en la Escola Básica Integrada Armando Côrtes-Rodrigues, en Vila Franca do Campo, São Miguel, el 2 de noviembre de 2023. Fue un encuentro filosófico integrado en el Proyecto denominado *Filosofâncias: comunidades de investigación filosófica* (Santos et al., 2022), cuyas investigaciones docentes y prácticas infantiles se desarrollan en esta escuela. A ese encuentro asistieron algunos estudiantes de Educación Básica, docentes de la Facultad y docentes investigadores de la Universidad de las Azores (UAz. Portugal), Universidad São Francisco (USF-Itatiba/SP-Brasil) y Universidad Jaume I (Castellón, España). La actividad propuesta consistió en la presentación de un cortometraje de animación titulado "Give in to Giving", producido en 2018 por Leo Burnett Dubai para Hanzo Film. Después del visionado del corto, se desarrollaron preguntas y diálogos filosóficos en el marco del enfoque de la "comunidad de investigación filosófica", en torno a diversos temas. La actividad filosófica con niños y adultos resonó en los investigadores presentes mucho más allá del tiempo cronológico de la sesión, abriendo espacios entre la problematización y la escritura en torno a la *gentileza, la serenidad y la*

auto-obediencia como prácticas de *anticipación del mundo*. Es en ellos en los que se centra este texto.

palabras clave: educación; filosofía de la educación; filosofía para/con niños y niñas; profeta gentileza; serenidad.

filosofâncias:
antecipando o mundo pelas práticas da gentileza, da serenidade e da
(des)obediência a si

*O mundo é uma escola
A vida é um circo
"Amor", palavra que liberta
Já dizia o profeta.
Marisa Monte (Gentileza, 2000)*

introdução

Este artigo faz parte de uma atividade docente de investigação ocorrida durante um estágio de pós-doutorado, na Linha de Pesquisa *Filosofia para/com crianças*, do Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NICA), da Universidade dos Açores (UAc), Portugal. Tal encontro se deu no dia 2 de novembro de 2023, no âmbito do projeto escolar *filosofâncias: comunidades de investigação filosófica* – cujo cenário de pesquisa é a Escola Básica Secundária Armando Côrtes-Rodrigues, em Vila Franca do Campo, Ilha de São Miguel, nos Açores –, que acontece em parceria com a UAc. Os encontros filosóficos desse projeto educativo englobam pessoas de diferentes idades e acontecem em distintos momentos da vida escolar de cada turma. A sessão em que participaram os autores deste texto aconteceu em uma quinta-feira de manhã, com algumas crianças do 2.º ano do Ensino Básico; duas docentes integrantes da Escola; dois estudantes do Mestrado em Filosofia para Crianças, da UAc; e ainda três docentes investigadores da UAc, da Universidade São Francisco (USF) de Itatiba, SP, Brasil, e da Universidade Jaume I, em Castellón, Espanha.

A atividade proposta consistiu em apresentar uma curta-metragem de animação intitulada *Dia mundial da gentileza* (2018), de Leo Burnett Dubai e Hanzo Films, para, a partir do seu visionamento, sugerir um diálogo filosófico em comunidade de investigação (Kennedy; Kennedy, 2011; Sharp, 1987; Vieira, 2019). Ao término da atividade, o resultado do encontro propiciou reflexões diversas e estimulantes, de que o presente texto é uma materialidade.

Este trabalho foi escrito a várias mãos durante os meses que se seguiram ao encontro com as crianças e procurou dar corpo e eco a quatro linhas de fuga, que constituem as suas quatro seções.

A primeira seção intitula-se “A gentileza como uma prática para antecipar o mundo” e apresenta um breve contexto sobre a apresentação do vídeo na comunidade de crianças e adultos. A partir do conteúdo da curta-metragem, buscamos uma aproximação com uma figura popular do Rio de Janeiro, o *Profeta Gentileza*. José Datrino tornou-se conhecido por propagar publicamente a gentileza em seus atos e discursos como prática para antecipar o mundo, celebrizando a expressão “gentileza gera gentileza”, que haveria de se tornar um *slogan* fortemente disseminado no espaço público brasileiro, a partir dos murais que ficariam conhecidos como o seu *Livro Urbano*. Mas foi graças à música “Gentileza” (2000), composta e cantada pela cantora brasileira Marisa Monte, que o Profeta Gentileza ganhou maior conhecimento e notoriedade fora dos círculos da cidade carioca e, até, do Brasil.

A segunda seção do texto, “A tolerância como uma possível prática para antecipar o mundo”, parte do poema de Marisa Monte e leva-nos a alguns questionamentos: “Por isso eu pergunto a você no mundo, se é mais inteligente o livro ou a sabedoria?” (Gentileza, 2000). As declarações ou a gentileza? Afinal, o que nos falta para sermos gentis? Coloridos? Serenos? Ou tolerantes? E o que significa ser (des)obediente? Essa seção refere-se a uma outra *possibilidade de antecipar o mundo*.

A terceira seção do texto, “A serenidade como uma prática para antecipar o mundo”, procura avançar para além dos tratados, leis e normas, e busca em Norberto Bobbio a questão da virtude como uma forma de *antecipar o mundo* por meio do que chamamos de *prática da serenidade*, como virtude ética e social. Ainda nessa seção, e para além da *gentileza* praticada por Datrino e da *serenidade* apontada por Bobbio, somamos a *obediência a si*, a partir da referência de Gros (2019) a Henry David Thoreau sobre a *desobediência civil*.

A quarta seção, “As filosofâncias antecipando o mundo”, apresenta o projeto *filosofâncias*, como e quando foi criado, a quem atendeu e atende, como proposta de criação de oficinas de filosofias e infâncias em comunidade de investigação, em uma escola básica dos Açores – com o apoio da UAc e aberto para todas as pessoas interessadas.

De um modo geral, neste texto, consideramos que a atividade em que participamos com as crianças dos Açores nos permitiu experienciar a possibilidade

de resgatar no espaço público de um diálogo partilhado alguns gestos humanos – particularidades da *filosofia como modo de vida* da Antiguidade Grega – e procurar, por meio de movimentos da teoria à prática, um falar coerente ligado a um agir transformador.

a gentileza como uma prática para antecipar o mundo

Podemos pensar no mundo como uma escola no sentido de ser um lugar onde estamos sempre a aprender. No entanto, muitas vezes, sentimos que não cumprimos, como deveríamos, a nossa tarefa de casa, pois, em um mundo marcado pela pressa e pelo descompasso com as batidas de nosso coração, seguimos adiante com atropelos e perdemos certas lições da vida.

Bem nos lembra Marisa Monte (Marisa [...], 2015) quando explica o contexto do surgimento da música em que presta homenagem a José Datrino, conhecido no Brasil como Profeta Gentileza. Talvez a compositora brasileira, ao diminuir o seu ritmo, tenha encontrado o seu tempo, composto e passado a cantar com o coração que

Apagaram tudo,
pintaram tudo de cinza,
a palavra no muro
ficou coberta de tinta.
Apagaram tudo,
pintaram tudo de cinza,
só ficou no muro
tristeza e tinta fresca.
Nós que passamos apressados,
pelas ruas da cidade,
merecemos ler as letras
e as palavras de Gentileza¹.

Não deixa de ser curiosa essa última frase por aquilo que sugere na relação entre a chamada aceleração social da modernidade (Rosa, 2019) e uma necessidade de sermos parados – ou, pelo menos, atrasados – por uma ação que contraria qualquer princípio de produtividade, eficácia ou eficiência.

A figura de José Datrino foi, assim, a primeira a ressoar na nossa escrita conjunta. O encontro com as crianças colocou-nos no rastro de um homem que dedicou a sua vida ao contato direto com os outros na rua, em um jeito despojado – e até certo ponto também infantil – de perseguir obstinadamente a simplicidade

¹ O videoclipe da música está disponível em Marisa Monte Gentileza.

de uma ideia. Sentimos, assim, necessidade de saber mais sobre o Profeta Gentileza:

Nascido em 11 de abril de 1917 em Cafelândia, interior de São Paulo [Brasil], José Datrino era o segundo filho de Paulo Datrino e Maria Pim, dentre os treze filhos do casal. Viveu até os 20 anos naquela região, lidando diretamente com a terra, onde ajudava a família a manter-se mesmo em épocas difíceis. [...] O campo ensinou também José a amansar burros para o transporte de cargas. Tempos depois, já profeta revelado, Gentileza se dizia “amansador dos burros homens da cidade que não tinham esclarecimento” (Guelman, 2009, p. 22).

A referência a esse “esclarecimento” talvez se justifique porque o Profeta deixava escapar de si a beleza da gentileza, que muitas vezes perdemos na correria e no desespero das cidades. Quanto ao “profeta revelado” também referido na citação, sabemos que a mudança ocorreu após a queima de um circo, o Gran Circus Norte-Americano, perto do Natal, no ano de 1961, na cidade de Niterói, Brasil. Yado (2016) anuncia que morreram naquele incêndio 503 pessoas, a maioria crianças, e muitas famílias nunca encontraram seus parentes. Centenas de pessoas ficaram feridas.

José Datrino, naquela época um microempresário na área de transporte de cargas, viajou até Niterói, para conhecer o local da tragédia. Ele acreditava que sua missão na Terra estava por iniciar. Deixou a família e o seu trabalho e mudou-se para o local do acidente, tornando-se o Profeta da Gentileza. No local do incêndio, ele passou a plantar flores para formar um belo jardim, juntamente com uma horta. Segundo Yado (2016, p. 49), ele dizia que “representava todas as vítimas e/ou familiares que perderam seus entes queridos no incêndio, mesmo sem ter perdido efetivamente ninguém de sua família no desastre”. Portanto, das cinzas das pessoas que morreram no circo nasceu o colorido: o Profeta Gentileza e o seu jardim de flores, que se tornaram símbolos da tragédia, assim como da sua superação coletiva.

Figura 1: José Datrino, Profeta Gentileza



Fonte: Canteiro de Ideias (2020).

Yado (2016, p. 65) declara que Datrino escolheu o nome de Profeta Gentileza pois, para ele, “gentileza” era um nome feminino que “emanava o sentido de sua vida, a amabilidade, a delicadeza, o cuidado que para ele faltava entre as pessoas em seu papel na Terra”. Foi acusado de louco, algumas vezes foi internado em clínicas; no entanto, levantou a sua bandeira de que *gentileza gera gentileza*.

Com essa certeza no olhar e no sorriso, vestia-se com uma bata branca e carregava em suas mãos flores para serem distribuídas:

Ao longo dos anos de 1980 até o início dos anos de 1990, o Profeta Gentileza se tornou um artista urbano, em uma das vias expressas mais conhecidas na cidade do Rio de Janeiro – a Avenida Brasil, com extensão de 1,5 km, nas pilastras de sustentação do viaduto do Caju, zona portuária do Rio de Janeiro, cinquenta e seis mensagens foram grafadas nas pilastras por Gentileza. Com números indicando as páginas do Livro Urbano (Yado, 2016, p. 82).

Com seu livro-mural colorido e as páginas abertas para a cidade, ele passou a ser mais conhecido e, dessa forma, em meio à cidade cinzenta, apressada, concreta e dura, o Profeta Gentileza distribuía também mensagens sábias e poéticas, além do sorriso e das flores, para amenizar um pouco o descompasso entre a vida acelerada da metrópole e a tenacidade de uma presença quase despercebida. No entanto, após sua partida em 1996, não tardou para que decisões políticas ocultassem a sabedoria escrita no *Livro Urbano* com camadas de tinta de cal de cor cinza. Em poucos dias, os painéis pintados voltaram a ser simples pilastras de sustentação de um viaduto e os rastros de Gentileza ameaçavam desaparecer da paisagem urbana do Rio de Janeiro.

instituições: Magda, da UAc, e Anca, da Universidade Jaume I, na Espanha, que faziam uma mobilidade ERAMUS no âmbito do seu Doutorado; e Carlos, recém-chegado da USF, no Brasil, para um estágio de pós-doutorado na UAc. Naquele dia, a atividade inicial com o grupo de crianças foi oferecida pela investigadora Anca, que propôs o visionamento de uma curta-metragem de animação – de Leo Burnett Dubai e da Casa de Produção Hanzo –, o filme *O dia mundial da gentileza* (2018), que mostra uma personagem indiferente a todos e a tudo e que, em um dia em que fazia o seu habitual caminho para o trabalho, foi mudado por uma experiência.

Agamben (2008, p. 22), ao escrever sobre o ser humano moderno, declara que nossa experiência cotidiana, muitas vezes, nada indica de *experiência*, já que sobrevivemos apenas de excesso de informações, engarrafamentos, vida corrida, violências, cenas em que “o homem moderno volta para a casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz – entretanto nenhum deles se tornou experiência”.

Agamben segue aqui o pensamento de Walter Benjamin e a denúncia que o pensador alemão havia feito da época moderna como um tempo de pobreza da experiência. Agamben (2008, p. 21) vai um pouco mais longe e refere-se a uma “destruição da experiência”. Depois de a ciência moderna ter reservado a palavra *experiência* para o âmbito da ordem e da predição, a experiência passou a ser algo que o ser humano “pode apenas fazer e jamais ter” (Agamben, 2008, p. 44). Isto é, a experiência tornou-se pertencente ao âmbito do provocável, do produzível. Mas Agamben tenta pensar uma experiência originária, muda – da qual a linguagem deriva –, como *in-fância* do ser humano, e apresenta-a como diferença entre o humano e o linguístico. A experiência é, então, para ele, precisamente a infância do ser humano. E a linguagem é o lugar em que essa experiência se dá. Nisso pensávamos enquanto ressoavam em nós os ecos da experiência com as crianças a partir do visionamento da curta-metragem – assim como a força infantil que as palavras de gentileza tiveram em torno do homem José Datrino.

O enredo do filme *Dia Mundial da Gentileza* (2018) começa com um rapaz esguio, em um elevador, com as mãos nos bolsos, iniciando a sua rotina cotidiana. Muito ao contrário da figura de Datrino que nos chega pelas fotografias da época em que ele viveu, o rapaz do curta-metragem caminha pelas ruas da cidade,

sempre com as mãos nos bolsos, e não esboça um sorriso. Parece mesmo não se importar com as coisas que acontecem em seu entorno e, muito menos, com as pessoas. Ao necessitar cruzar uma rua, o rapaz depara-se com o sinal fechado do semáforo. Enquanto aguarda a luz verde, é tocado por alguém. Uma senhorinha idosa segura-o pelo braço, certamente buscando um apoio para atravessar a via. Ele estranha ao ser tocado, mas parece manter-se indiferente. A partir desse momento, uma nova experiência estava por acontecer, o que não revelaremos aqui. No dia seguinte, já na primeira cena, vê-se a mesma imagem do dia anterior, a do rapaz no elevador com as mãos nos bolsos – no entanto, pela *experiência vivida* e sentida, as cenas seguintes certamente serão bem diferentes.

Figura 3: Curta-metragem - Animação



Fonte: Dia mundial da gentileza (2018).

Após a apresentação do vídeo ao grupo de crianças, docentes e investigadores, as *filosofâncias* entraram em ação por meio da escuta (Costa Carvalho, 2022) dos diálogos entre as filosofias e as infâncias presentes na sala de aula da escola açoriana: questionamentos e debates sobre o conteúdo assistido ocorreram entre as crianças e os adultos e, obviamente, o assunto não se encerrou nos 60 minutos de atividade.

A curta-metragem tem por enfoque a gentileza, em vez da indiferença. O vídeo foi produzido no ano de 2015 e serviu também para referenciar o Dia Mundial da Gentileza. Esse dia com alusão à gentileza surgiu no ano de 1997, durante um congresso do World Kindness Movement, em Tóquio. Nos anos seguintes, diversos países se reuniram com a intenção de propagar a gentileza, e,

no ano de 2000, aquela entidade oficializou o dia 13 de novembro como o Dia Mundial da Gentileza.

Interessante é que se pode traçar um paralelo entre certas datas e fatos ocorridos e citados anteriormente. A primeira data é a de 1997, ano em que o *Livro Urbano* do Profeta Gentileza foi coberto de tinta cinza. Depois seguiram-se as manifestações de reavivamento da obra, o que aconteceu no mesmo ano – já em Tóquio, realizou-se o Congresso sobre a Gentileza. A segunda data é a do ano de 2000, período em que o *Livro Urbano* foi tombado como patrimônio público pela Prefeitura do Rio de Janeiro e Marisa Monte lançou a música “Gentileza”. Ainda nesse mesmo ano foi oficializado o Dia Mundial da Gentileza. Com esse simples paralelo, acreditamos que a máxima *gentileza gera gentileza* precisa ser continuamente revisitada hoje e carece de prática diária. Pensamos também que algo do que aconteceu com as crianças no diálogo filosófico pode fazer parte dessa revisão, mesmo que por meio de *pequenezes e apoucamentos* infantis – e ainda e sobretudo por intermédio deles.

a tolerância como uma possível prática para antecipar o mundo

Convém também atentarmos que – dois anos antes do congresso de Tóquio, em 16 de novembro de 1995 em Paris – foi aprovada pela Conferência Geral da Unesco a Declaração de Princípios Sobre a Tolerância (DPST), que identificou o avanço da intolerância, da xenofobia, do nacionalismo exacerbado, da violência “[...] do racismo, do antissemitismo, da exclusão, da marginalização e da discriminação contra minorias nacionais, étnicas, religiosas e linguísticas, dos refugiados, dos trabalhadores migrantes, dos imigrantes e dos grupos vulneráveis [...]” (Unesco, 1997, p. 10).

Ora, se novamente atentarmos para a nossa atualidade, temos a impressão de que a Declaração foi escrita hoje, ainda pela manhã. Uma espécie de tinta cinza está fresca em nós, pois percebemos, vemos, indignamo-nos, não paramos e apenas calamos diante de tantas violências, exclusões, descasos e indiferenças, de um modo muito distante da gentileza e da tolerância. Estamos cinzas? Como dizia e como escreveu o Profeta Gentileza em sua obra e Marisa Monte na sua música:

Por isso eu pergunto
a você no mundo,
se é mais inteligente

o livro ou a sabedoria.
O mundo é uma escola,
a vida é um circo,
“Amor” [é] palavra que liberta (Gentileza, 2000).

No entanto, como nos libertamos? Como nos educamos com as crianças para este mundo? Para a paz (Rotila, 2021)? Parafraseando o Profeta Gentileza, também dizemos: por isso perguntamos, a você no mundo, se é mais inteligente o livro, as declarações ou a gentileza. A vida não é um circo que, por vezes, é impiedosamente destruído? Mas, afinal, o que nos falta para sermos gentis? Coloridos? Serenos? (Des)obedientes? Tolerantes? O que significa ser tolerante?

Norberto Bobbio (2004) apresenta um ensaio sobre a tolerância, em um simpósio intitulado *A intolerância: iguais e diversos na história*, realizado em Bolonha, em 1985. Aí afirma que se podem fazer diferentes usos do conceito de tolerância, a partir de seus contextos, mesmo que historicamente predominantes. Então, analisa o problema de convivência de crenças diversas (primeiro, religiosas; depois, políticas). Declara que os problemas referentes aos dois modos de práticas de tolerância são diferentes, um tem a ver com crenças e opiniões diversas que derivam da convicção de possuírem a verdade. O segundo é referente aos motivos físicos ou sociais, imbuídos de preconceitos e discriminações, aceitos de modo acrítico. Assim, declara que

[...] são diferentes as razões das duas formas de intolerância. A primeira deriva da convicção de possuir a verdade; a segunda deriva de um preconceito, entendido como uma opinião ou conjunto de opiniões que são acolhidas de modo acrítico passivo pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade cujos ditames são aceitos sem discussão. De certo, também a convicção de possuir a verdade pode ser falsa e assumir a forma de um preconceito (Bobbio, 2004, p. 86).

Bobbio alude à afirmação de Benedetto Croce, de que tolerância não é um princípio universal, mas contingente, razão prática, e que nem sempre os tolerantes possuem espíritos virtuosos, mas retóricos e indiferentes, ou seja, são tolerantes não convencidos de certa verdade.

A tolerância, segundo Bobbio (2004), não exige o afastamento da própria convicção, mas, diante das circunstâncias e dos fatos – a verdade sendo reexaminada –, todos tendem a ultrapassar a intolerância. Já sobre o cético e o tolerante, o primeiro não se importa com o triunfo da fé, e o segundo importa-se com o triunfo da verdade – no caso, a sua verdade –, “mas considera que, através

da tolerância, o seu fim, que é combater o erro ou impedir que ele cause danos, é mais bem alcançado do que mediante a intolerância” (Bobbio, 2004, p. 87). A tolerância, como prática racional, de igualdade entre si, baseia-se na reciprocidade engendrada pelas transações, acordos pragmáticos e utilitários que estão fora do problema da verdade.

Bobbio (2004) declara que o outro deve seguir na busca pela convicção própria, jamais por imposições. Não se trata de ser socialmente útil, eficaz politicamente, mas de cultivar uma condição ética de respeito à liberdade. Assim, “o tolerante não é cético, porque crê em sua verdade. Tampouco é indiferente, porque inspira sua própria ação num dever absoluto, como é o caso do dever de respeitar a liberdade do outro” (Bobbio, 2004, p. 88). Cabe aqui ainda uma ideia importante de Bobbio, a de que a tolerância tem suas boas razões; no entanto, a intolerância também as parece ter. Portanto, as duas constituem dois polos, um positivo e outro negativo:

Intolerância em sentido positivo é sinônimo de severidade, rigor, firmeza, qualidades todas que se incluem no âmbito das virtudes; tolerância em sentido negativo, ao contrário, é sinônimo de indulgência culposa, de condescendência com o mal, com o erro, por falta de princípios, por amor da vida tranquila ou por cegueira diante dos valores (Bobbio, 2004, p. 89).

Assim sendo, a tolerância positiva contrapõe a intolerância religiosa, política e racial, que exclui o diferente. Já a tolerância negativa

se opõe à firmeza nos princípios, ou seja, à justa ou devida exclusão de tudo o que pode causar dano ao indivíduo ou à sociedade. Se as sociedades despóticas de todos os tempos e de nosso tempo sofrem de falta de tolerância em sentido positivo, as nossas sociedades democráticas e permissivas sofrem de excesso de tolerância em sentido negativo, de tolerância no sentido de deixar as coisas como estão, de não interferir, de não se scandalizar nem se indignar com mais nada (Bobbio, 2004, p. 89).

Diante desse excesso de tolerância, não se indignar e não interferir em nada, ser indiferente, é no mínimo manter o *status quo* quanto a preconceitos, discriminações e violências. É estar contra os direitos humanos, a dignidade da pessoa humana e a justiça social. Compreender a diferença na diversidade significa entender o

fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade de seu aspecto físico, de sua situação, de seu modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm o direito de viver em paz e de ser tais como são (Unesco, 1997, p. 12).

A DPST (Unesco, 1997, p. 12-13), em seu Art. 2.º, recorre ao Estado ao afirmar que a tolerância “exige justiça e imparcialidade na legislação, na aplicação da lei e no exercício dos poderes judiciário e administrativo”, e, além disso, se necessário for, deve-se “elaborar uma nova legislação” (Unesco, 1997, p. 13). Ainda na Declaração, em seu Art. 4.º vemos anunciado que a educação é a forma mais eficaz de prevenção da intolerância.

Aqui vemos a estreita relação estabelecida entre a educação para a tolerância e a educação para a paz:

[...] a Educação para a Paz apresenta-se como uma ferramenta para reconstruir estas capacidades e competências que temos como seres humanos e que nos ajudam a estabelecer critérios de justiça, de compreensão mútua e de transformação pacífica de conflitos (Herrero Rico, 2013, p. 89).

Podemos destacar não apenas os vários aspectos que – como a garantia dos direitos humanos fundamentais ou a consolidação da paz – são básicos na Declaração dos Direitos Humanos, mas também outros aspectos, como a luta contra o racismo, a xenofobia, o anti-semitismo ou a proteção das minorias nacionais. Portanto, e com base na forma como esses aspectos deverão ser tratados por intermédio da educação, terão de ser enfrentados desafios que consistirão no benefício do diálogo bem como no respeito pelos pilares da tradição humanista, símbolo de igualdade perante a lei e a não discriminação (Jares, 1991, 2004, 2005; Labrador, 2000).

Assim, poderemos compreender como a educação deve ser formada ao longo da vida e de forma participativa nas atividades culturais. Todas as atividades que remetem à natureza e à comunicação serão essenciais em todas as áreas e contextos sociais e educativos (Jares, 1991, 2004, 2005; Labrador, 2000).

a serenidade como uma prática para antecipar o mundo

Ora, os tratados, as declarações e as leis positivas, evidentemente, são extremamente necessários social e politicamente, e cabe à educação promovê-los de forma contínua. No entanto, com essas sociedades da produtividade, da pressa e da indiferença, a tolerância negativa não continuará a superar a positiva, no sentido de deixar as coisas como estão? Não estamos por demais acinzentados, a ponto de não nos indignarmos com nada? E, com isso, não geramos um certo conformismo e uma certa submissão, como se tudo estivesse bem ou então como

se desconfiássemos de que nada vai, de fato, mudar? Nessa apatia, não nos faltarão a crítica, o espanto, para além das evidências apressadas? Para além dos tratados, das convenções e das leis? Nossas poucas leituras de mundo irrefletidas bastam? E será que ter uma leitura refletida é algo que dependa da idade que temos? Da nossa posição social? Poderá um grupo de crianças – ou um pobre homem andrajoso caminhando e vivendo nas ruas – produzir essa reflexão?

Assim como o Profeta Gentileza, ao questionar “se é mais inteligente o livro ou a sabedoria”, Gros (2019, p. 138), ao aludir a Henry David Thoreau, declara que esse autor nos convida a sairmos dos livros para uma necessária *intervenção*, ou seja, para nos transformarmos, para agir e modificar, de modo que intervenhamos “nas nossas ideias e nas nossas vidas para deslocar as nossas linhas de força, para transformar os nossos horizontes”. Assim como os livros, certamente de nada adiantará criar mais declarações, mais leis, se continuarmos a agir com indiferença, passivos e automatizados.

Diante de uma educação tolerante – que inclua direitos e deveres –, da capacidade de juízos autônomos, de reflexões críticas e éticas, não poderíamos pensar e agir para além da tolerância, dos tratados e das declarações? Por meio de pequenas coisas, gestos e ações? Das palavras infantis de crianças de uma escola básica em uma ilha longínqua? Da simplicidade de uma gentileza que poderia nos encantar, como encantou o Profeta? Das nossas cinzas cotidianas, também não podemos renascer?

Pensando sobre esta última pergunta, parece-nos interessante destacar que, em uma conferência pronunciada em Milão em 1983, Norberto Bobbio (2002) apresenta *Elogio da mitezza*. Bobbio declara que, na Grécia Antiga, o tratado das virtudes se bastava como princípios éticos e lembra que a *Ética a Nicômacos*, de Aristóteles, prevaleceu por séculos como modelo inquestionável de um *ethos* humano. No entanto, em nossa contemporaneidade, modelos semelhantes desapareceram quase que completamente, e Bobbio (2002) aponta que hoje os filósofos debatem questões de valores, opções, respeito a regras e normas, ou seja, tratam de direitos e deveres.

É na obra *Elogio della mitezza e altri scritti morali* que se encontra a Conferência de Milão. Sobre o termo “*mitezza*”, não encontraremos uma tradução

correspondente na língua portuguesa. Na edição brasileira, o tradutor Marcos Aurélio Nogueira optou por *serenidade*².

Portanto, em seu elogio da serenidade, Bobbio declara que se trata de uma virtude ética ativa e social, justiça direcionada aos outros, e não se confunde com mansidão, que descreveria a pessoa calma, tranquila, que não reage a uma maldade e que não se ofende: “Serenidade é, ao contrário, uma disposição de espírito que somente resplandece na presença do outro: o sereno é o homem de que o outro necessita para vencer o mal dentro de si” (Bobbio, 2002, p. 35). O autor entende que a serenidade, sendo uma virtude ética, possui dois ramos: as virtudes fortes e as virtudes fracas. Logo esclarece que não se pode pensá-la como uma positiva e outra negativa no sentido axiológico, mas no sentido analítico. Como virtudes fortes, Bobbio aponta a coragem, a bravura, a clemência etc., chamadas de virtudes reais ou senhoriais, que podem se manifestar na vida política. Já a virtude fraca relaciona-se com a

humildade, a modéstia, a moderação, o recato, a pudicícia, a castidade, a continência, a sobriedade, a temperança, a decência, a inocência, a ingenuidade, a simplicidade e, entre essas a mansuetude, a doçura e a serenidade – que são próprias do homem privado, do insignificante, do que não deseja aparecer, daquele que na hierarquia social está embaixo, não tem poder algum, às vezes nem sequer sobre si mesmo, daquele de quem ninguém se dá conta, que não deixa traços nos arquivos em que devem ser conservados apenas os dados do personagem e dos fatos memoráveis (Bobbio, 2002, p. 37).

Não se trata de uma virtude menor, mas são as virtudes daqueles que atuam fora dos livros e que fazem a história: sejam profetas de rua, sejam crianças de escola. Diz o filósofo:

A serenidade não é uma virtude política, antes é a mais impolítica das virtudes. Numa acepção forte de política, na acepção maquiavélica ou para ser mais atual schmittiana, a serenidade chega a ser mesmo a outra face da política (Bobbio, 2002, p. 39).

Bobbio afirma ter descoberto a serenidade muito para além da política, pois os serenos não têm como participar na política, mesmo que democrática, pois essa luta pelo poder fará uso da violência e da arrogância.

A serenidade segue a via contrária à da arrogância e da prepotência, pois o sereno é “aquele que ‘deixa o outro ser o que é’, ainda quando o outro é o

² Para Bobbio (2002), somente a língua italiana herdou do latim as palavras “*mite*” e “*mitezza*”. De *mite* possui o significado de mitigar em italiano, do verbo “*mitigare*”, ou seja, aliviar, abrandar, suavizar etc., bem como o substantivo abstrato “*mitezza*”. Esse termo escolhido por Bobbio deve-se às suas elucubrações referentes à Filosofia Moral, entrelaçada com o Direito e a Política.

arrogante, o insolente, o prepotente” (Bobbio, 2002, p. 40). No entanto, não se deve confundir serenidade com submissão. O autor chega a uma conclusão de que a serenidade é realmente uma virtude, pois o sereno é a favor da vida,

não guarda rancor, não é vingativo, não sente aversão por ninguém. Não continua a remoer as ofensas recebidas, a alimentar o ódio, a reabrir feridas. Para ficar em paz consigo mesmo, deve estar antes de tudo em paz com os outros (Bobbio, 2002, p. 41).

Além disso, o ser humano sereno é tranquilo e, como aponta Bobbio (2002, p. 42), “é hílare porque está intimamente convencido de que o mundo por ele imaginado será melhor que o mundo em que ele é obrigado a viver, e o prefigura na sua ação cotidiana, exercitando precisamente a virtude da serenidade”. Portanto, acrescentamos que a pessoa serena é aquela que *antecipa um mundo* de uma maneira infantil e despojada.

Antecipar o mundo parece-nos ser uma atitude para a qual o ser humano já possui alguma propensão, muito encontrada nas crianças, atitude adotada pelo Profeta Gentileza, pois, para além dos tratados, das leis e das normas, com gentileza e serenidade ele antecipava uma experiência de humanidade relacionada com tornar aquele local em que estava mais habitável e menos violento.

Segundo Bobbio (2002, p. 43), a serenidade até se aproxima da tolerância, mas são distintas, pois a tolerância firma-se em acordos positivos e “a serenidade é um dom sem limites preestabelecidos e obrigatórios”. Bobbio pergunta: diante de um riquíssimo catálogo de virtudes, o que o fez escolher a *serenidade*?

Amo as pessoas serenas, isto sim, porque são elas que tornam mais habitável o nosso *cercado*, a ponto de fazerem com que eu pense que a cidade ideal não é aquela fantasiada e descrita nos mais minuciosos detalhes pelos utópicos, onde reinaria a justiça tão rígida e severa que se tornaria insuportável, mas aquela em que a gentileza dos costumes converteu-se numa prática universal (Bobbio, 2002, p. 45).

Além disso, o autor declara que se trata de uma escolha metafísica com raízes cravadas numa concepção do mundo. Já historicamente, é uma resposta contra a sociedade violenta na qual vivemos (ainda hoje, tantos anos depois de Bobbio ter escrito os seus textos). Por fim, serenidade é a recusa a não exercer a violência contra pessoas, animais e toda a natureza.

Diante da *gentileza* e da *serenidade*, gostaríamos de retornar com a prática de Thoreau que tocou pessoas como Mahatma Gandhi, Liev Tolstoi, Martin Luther King Jr., com a sua filosofia da *desobediência civil*, por meio da resistência não

violenta – outro profeta do cuidado? Em 1846, foi preso por um dia, por se recusar a pagar um tributo ao governo para financiar a guerra no México: “Faça da sua vida um contra-atrito que pare a máquina. O que preciso fazer é cuidar para que de modo algum eu participe das misérias que eu condeno” (Thoreau, 2021, p. 20)³.

Gros (2019, p. 198), ao escrever sobre a humanidade, provoca-nos um desfasamento, enaltece a “possibilidade de desobedecermos a nós mesmos”. Acreditamos, assim como Thoreau, que importa a lealdade consigo. Assim como Datrino, importa a gentileza ante a nossa “cinzeza” e a das cidades; importam as flores na terra e depois nas mãos para serem ofertadas; ante o concreto e a correria da vida apressada, importa o sorriso ao invés da cara fechada; ante a cedência à pressão dos currículos, importa a duração de um diálogo filosófico com crianças; ante a tratados, leis e convenções, importa a serenidade apontada por Bobbio.

Diante dessas *antecipações do mundo*, da *gentileza* e da *serenidade*, concordamos com Gros (2019, p. 128) quando diz que “desobedecermos é, portanto, supremamente, obedecermos. Obedecermos a nós mesmos”, em uma relação com a própria pessoa, mas que se expande às outras pessoas. Gros faz-nos lembrar do Profeta Gentileza ao assumir a sua missão como pessoa no mundo:

é a paixão de nos descobrirmos insubstituíveis quando nos pomos ao serviço dos outros para, não direi, de modo algum “representarmos” a humanidade, mas sim, para defendermos, defendermos a ideia de humanidade através de protestos, recusas cabais, indignações, desobediência activas (Gros, 2019, p. 198).

Na torrente das ideias de Gros, também mergulhamos na presença de Sócrates como aquele que desobedeceu às certezas do conforto, das coisas muito fáceis que aniquilam a reflexão e os questionamentos. O discurso filosófico de Sócrates estava intimamente ligado com a sua forma de viver (modo de vida) e a filosofia era um exercício espiritual da coerência, entre o falar e o fazer (Silveira, 2014). Daí, o *conhece-te a ti mesmo*, *cuida de si* para que depois ocorra o *cuidado com o outro*, uma filosofia como *modo de vida* que é viver a vida filosoficamente. Assim, em meio ao colorido da vida, reescrevemos que a pessoa serena é aquela que *antecipa o mundo ao intervir*. *Antecipar o mundo* parece-nos ser uma atitude humana adotada pelo Profeta Gentileza, para além dos tratados, das leis, das normas.

³ Quanto à sua prisão, ele explicou que jamais havia se recusado a pagar impostos, exceto quando seu dinheiro “contrata um homem ou compra uma arma para matar um homem [...]”. O que me importa é seguir os efeitos da minha lealdade. Na verdade, eu silenciosamente declaro guerra ao Estado, à minha moda” (Thoreau, 2021, p. 37).

Envolve, portanto, práticas de *gentileza*, de *serenidade* e de *desobediência em obediência a si*, como aquelas que experimentamos com as crianças do projeto *filosofâncias*.

as filosofâncias antecipando o mundo

Viver a vida filosoficamente, torná-la um *modo de vida*, ou seja, viver aquilo que se fala, em um conhecimento de si, cuidado de si e do outro, é o propósito do projeto intitulado *Filosofâncias: comunidades de investigação filosófica*, um caminhar peripatético. De acordo com Santos *et al.* (2022), professores que iniciaram e mantêm o projeto *Filosofâncias* tem por cenário a Escola Armando Côrtes-Rodrigues, localizada na Vila Franca do Campo, Ilha de São Miguel, Açores (Portugal). Segundo os autores, o projeto

iniciou com 39 alunos, duas turmas do primeiro ciclo em 2014/2015. No ano letivo de 2021 e 2022, são 602 estudantes filosofantes (34 turmas) desde o pré-escolar até ao 9.º ano de escolaridade que tem sessões regulares e continuadas de investigação filosófica em comunidade (45 minutos todas as semanas). O modelo educativo é o da experiência de pensamento em comunidade de investigação filosófica, que acontece em contexto de sala de aula. Os professores mediadores são recebidos nas salas de aula, a convite dos professores da turma e todos juntos fazem sessões de diálogo filosofante com as crianças. O projeto *Filosofâncias* é reconhecido no Projeto Educativo da escola como um projeto identitário e constituindo esta Instituição a única na Região Autónoma dos Açores, e uma das poucas no país, com projeto estruturado e transversal na área (Santos *et al.*, 2022, p. 315).

Escreve Vieira (2021, n.p.) que certamente a ideia não é inovadora, mas contém o novo, a novidade do eterno aprendizado: “encontramo-la, por exemplo, em Agostinho da Silva, um educador, filósofo e poeta português. Uma ‘figura socrática’ da filosofia, da educação, da literatura ou de todas, um pensador para quem a filosofia é um modo de vida”.

Por *filosofia como modo de vida*, buscamos amparo em Pierre Hadot (2014), em sua obra *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, ao declarar que a filosofia grega daqueles tempos era uma escolha de vida, um conjunto de diferentes exercícios espirituais para alcançar a sabedoria. No entanto, em tal alcance, percebemos que o “paradoxo e a grandeza da filosofia antiga é que ela estava, a um só tempo, consciente do fato de que a sabedoria é inacessível e persuadida da necessidade de perseverar no progresso espiritual” (Hadot, 2014, p. 263). Portanto, não se tratava de uma sabedoria estável, permanente, mas de possíveis momentos que os

exercícios espirituais poderiam proporcionar, quando vividos filosoficamente por meio dessa maneira de viver. Hadot (2016, p. 115-116) esclarece o que entende por exercícios espirituais:

Pessoalmente eu definiria o exercício espiritual como uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si. [...] uma prática que apenas completaria a teoria e o discurso abstrato. Na realidade é a filosofia com a sua inteireza que é exercício, tanto o discurso de ensino quanto o discurso interior que orienta a nossa ação.

No entanto, segundo o projeto *filosofâncias*, acreditamos que a *filosofia como modo de vida* pode ser resgatada em algumas particularidades, como no entrecruzamento entre a teoria e a prática, no falar coerente ligado ao agir transformador, regado pela *serenidade*, pela *gentileza* por meio da *obediência a si*, pelas *intervenções*, de forma tal que antecipe o mundo, antecipando as obrigações dos tratados, das leis, das normas e dos deveres. Nos encontros das *filosofâncias*, percebemos que o mundo é aceito como uma escola de *contra-atritos* em que, em tons coloridos, se dialoga, questiona, problematiza, reflete, vive experiências – e antecipa-se o mundo com as crianças e a partir delas, com suas infâncias e a partir delas.

considerações finais

Reafirmamos as necessidades dos tratados, das leis, das normas e das convenções, para possibilidades de melhor convívio no mundo. No entanto, antecipar este mundo é torná-lo mais habitável, mais humano, sereno e gentil. Bem nos lembra Leonardo Boff sobre o espírito do profeta, dentre as *mil coisas*, que também acreditamos ser uma prática do coração, da fineza que antecipa o mundo:

A crítica da modernidade não é monopólio dos mestres da Escola de Frankfurt. O Profeta Gentileza, representante do pensamento popular e sapiencial, chegou à mesma conclusão que aqueles mestres. Mas foi mais certo que eles, ao propor a alternativa: a Gentileza como irradiação do cuidado e da ternura essencial para com os outros e principalmente para com a natureza. Esse paradigma tem mais chance de nos humanizar e de garantir a preservação da vida ameaçada do planeta do que aquele que ardeu no circo de Niterói (Boff, 2017, n.p.).

Ao longo deste texto apresentamos alguns princípios e experiências alternativas de convivência humanizada, como a gentileza praticada por Dadrino, a *serenidade* de Bobbio e a *(des)obediência a si* de Thoreau, que nos anima a intervir, pois foi possível perceber – especialmente com as crianças – tais experiências em nossos encontros. As relações de cuidado, ternura, gentileza, serenidade e

contra-atrios são visíveis, e o filosofar como *modo de vida* provoca responsabilidades (de obediência a si e de desobediência), num mundo como uma escola, um lugar onde estamos sempre a aprender e que podemos *antecipar*.

referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Destruição da experiência e origem da História. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos Direitos*. 7. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Apres. Celso Lafer. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BOBBIO, Norberto. *Elogio da serenidade e outros ensaios morais*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Houve um profeta enviado por Deus*: Gentileza. Franciscanos. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil – OFM. 2017, 30 maio. Acesso: 2023. <https://franciscanos.org.br/vidacrista/houve-um-profeta-enviado-por-deus-gentileza/#gsc.tab=0>
- CANTEIRO DE IDEIAS. *Conheça o Profeta Gentileza*, 2020. Disponível em: <https://www.canteiroideias.com.br/2020/07/conheca-o-profeta-gentileza.html>. Acesso: dez. 2023.
- COSTA CARVALHO, Magda. Is the voice we hear on the inside the same as the one people hear on the outside? *childhood & philosophy*, v. 18, p. 1-26, 2022. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2022.65690>
- DIA mundial da gentileza 2025. [S. l.: s. n.], 26 nov. 2018. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Portal Kairós. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6PWu3EH7Xw>.
- GENTILEZA. Intérprete: Marisa Monte. Compositores: Marisa Monte e Arnaldo Antunes. *In: MEMÓRIAS*, crônicas e declarações de amor. Intérprete: Marisa Monte. Rio de Janeiro: Phonomotor Records, 2000. 1 CD, faixa 10 (2 min).
- GUELMAN, Leonardo. *Brasil - tempo de Gentileza*. Rio de Janeiro: Instituto Joãozinho Trinta, 2009.
- GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. Miguel Martins. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2019.
- HADOT, Pierre. *A filosofia como maneira de viver*. Entrevistas de Jennie Carlier e Arnold I. Davidson. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e a filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontinelle Loque; Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HERRERO RICO, Sofia. *La educación para la paz*. El enfoque REM Reconstructivo-Empoderador. Saarbrücken: Publica, 2013.
- JARES, Xesus Rodrigues. *Educación para la paz: su teoría y su práctica*. Madrid: Popular, 1991.
- JARES, Xesus Rodrigues. *Educar para la paz en tiempos difíciles*. Bilbao: Bakeaz, 2004.
- JARES, Xesus. Rodrigues. *Educar para la verdad y la esperanza*. Madrid: Popular, 2005.
- KENNEDY, Nadia; Kennedy, David. Community of philosophical inquiry as a discursive structure, and its role in school curriculum design. *In: VANSIELEGHEM, Nadia; KENNEDY, David (Org.). Philosophy for children in transition: Problems and prospects*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2011. p. 97-116.
- LABRADOR, Carmen. *Educación para la paz y cultura de paz en documentos internacionales*. 2000. v. 3, p. 45-68. (Coleção Contextos Educativos).
- LOBATO, Elvira. Rio tomba murais do “Profeta Gentileza”. *Folha de São Paulo*, 8 maio 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0805200009.htm>. Acesso em: dez. 2023.

- MENDES, André. *Marisa Monte e a História da Sabedoria* [Vídeo]. 13 nov. 2015. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=YhY_3zpHWlg
- MARISA Monte e a história de Gentileza. [S. l.: s. n.], 13 nov. 2015. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal André Mendes. Disponível em: dez. 2023. https://www.youtube.com/watch?v=YhY_3zpHWlg. Acesso em:
- NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. *Quem somos*, 2023. Disponível em: <https://nicauac.wixsite.com/nica/quem-somos>. Acesso em: dez. 2023.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração de Princípios sobre a Tolerância*. Trad. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP/Unesco, 1997.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração*. A transformação das estruturas temporais na Modernidade. Trad. Rafael H. Silveira. São Paulo: Unesp, 2019.
- ROTLA, Anca-Nicoleta. La creatividad en la filosofía para hacer las paces: Nuevos horizontes interdisciplinarios. *Araucária*, v. 23, n. 48, p. 275-280, 2021. <https://doi.org/10.12795/araucaria.2021.i48.12>
- SANTOS, Auxiliadora *et al.* Filosofâncias de uma escola que junta a filosofia e as crianças: brincarolandamos. In CARVALHO, M. C.; VIEIRA, P. A. *(A)riscar-se na filosofia, (a)colhendo infâncias: encontros com Gabriela Castro*. Ponta Delgada, Açores: Letras Lavadas Edições, 2022. p. 315-328.
- SHARP, Ann Margaret. What is a community of inquiry? *Journal of Moral Education*, v. 16, n. 1, p. 37-44, 1987.
- SILVEIRA, Carlos Roberto da. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sítio. *Horizontes*, v. 32, p. 109-119, 2014. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v32i2.180>
- THOREAU, Henry David. *Desobediência civil*. eBooksBrasil. 2021. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desobedienciavil.pdf>. Acesso em: dez. 2023.
- VIEIRA, Paula Alexandra. Intersubjetividade: um olhar sobre a comunidade de investigação filosófica. *childhood & philosophy*, v. 15, p. 1-21, 2019. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2019.42218>
- VIEIRA, Paula Alexandra. *Que perguntas poderão desarrumar uma vida?* Observador: Cadernos de Apontamento. 2021. <https://observador.pt/opiniao/que-perguntas-poderao-desarrumar-uma-vida/>
- YADO, Thaís Harumi Manfré. Sentidos no espaço urbano : os dizeres de Gentileza dentro e fora da cidade. 2016. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/8162>.

carlos roberto da silveira

Docente, PPGSS-Educação (USF). Líder, Grupo de Pesquisa Educação e Teorias Críticas Latino-Americanas (GPETECLA- PPGSSE-USF). Pós-doutor, Universidade dos Açores e Pesquisador NICA (UAç-Portugal). Pós-doutor, Universidade São Francisco (USF). Doutor, Filosofia (PUC-SP). Mestre, Filosofia (PUC-Camp).

magda costa carvalho

Professora Associada de Filosofia na Universidade dos Açores (UAç), Diretora do Mestrado em Filosofia para Crianças (EaD). Investigadora do NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da UAç, e do RG “Philosophy and Public Space”, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (Portugal).

anca-nicoleta rotila

Doutora em Estudos Internacionais sobre Paz, Conflito e Desenvolvimento pela Universitat Jaume I, Espanha. Docente externo do Mestrado em Estudos Internacionais sobre Paz, Conflito e Desenvolvimento na Universidade de Valência (UJI). Gestora de projetos na associação ILÊWASI, Castellón, Espanha.

como citar este artigo:

ABNT: SILVEIRA, Carlos Roberto; COSTA CARVALHO, Magda; ROTILA, Anca-Nicoleta. Filosofâncias: antecipando o mundo pelas práticas da gentileza, da serenidade e da (des)obediência a si. *childhood & philosophy*, v. 21, p. 1-24, 2025. doi: 10.12957/childphilo.2025.92441. Disponível em: _____. Acesso em: _____.

APA: Silveira, C. R., Costa Carvalho, M., & Rotila, A.-N. (2025). Filosofâncias: antecipando o mundo pelas práticas da gentileza, da serenidade e da (des)obediência a si. *childhood & philosophy*, 21, 1-24. doi: 10.12957/childphilo.2025.92441.

créditos

-
- **Reconhecimentos:** São muitos os agradecimentos. Primeiramente, pelo acordo de amizade firmado entre a Universidade São Francisco (USF-Itatiba-SP-Brasil) e a Universidade dos Açores (UAc-Portugal), o que possibilitou a realização do estágio de pós-doutoramento do autor Carlos Roberto Silveira. Por isso, agradece à Prof.^a Doutora Magda Costa Carvalho, pelo acolhimento durante o estágio, e ao Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente (NICA-UAc), na pessoa da sua então Diretora, Prof.^a Doutora Ana Isabel Santos, que também aceitou a sua participação como membro investigador. A autora Magda Costa Carvalho beneficiou ainda do apoio do projeto de investigação *escuto.te: vozes das infâncias entre a filosofia e a política* (M1.1.C/C.S./031/2021/01), da responsabilidade do NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, com o apoio do Governo dos Açores. Os três autores agradecem ainda à Escola Básica Integrada Armando Côrtes-Rodrigues, em Vila Franca do Campo, São Miguel, pela experiência com o projeto *filosofâncias* e, em especial, pelo contato com as crianças, professores e investigadores (Paula Vieira e Rosário Toste), com os quais tiveram o prazer de trabalhar.
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** O projeto *escuto.te: vozes das infâncias entre a filosofia e a política* (M1.1.C/C.S./031/2021/01) recebeu parecer positivo da Comissão de Ética da Universidade dos Açores (Parecer 31/2022, de 21 de abril) para a recolha de dados..
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável
 - **Contribuição dos autores:** Conceitualização: SILVEIRA, C. R.; Redação, revisão e edição do texto: SILVEIRA, C. R.; COSTA CARVALHO, M.; ROTILA, A. N.; Investigação: SILVEIRA, C. R.; COSTA CARVALHO, M.; ROTILA, A. N.; Metodologia: SILVEIRA, C. R.; COSTA CARVALHO, M.; ROTILA, A. N.

- **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade **Plagius**

submetido em: 22.06.2025 aprovado em: 23.07.2025 publicação: 31.08.2025

editor: *walter kohan*

parecerista 1: *david pereira*; **parecerista 2:** *marcia amador mascia*